

ORGANIZAÇÃO, PREPARAÇÃO E ATUAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

Fernando da Silva Rodrigues*

RESUMO

O objetivo desse ensaio é investigar a organização, a preparação e a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), identificando os motivos para o envio da tropa brasileira, na Segunda Guerra Mundial, ao teatro de operações do Mediterrâneo (Itália), como parte das atividades conjuntas da relação político-militar entre Brasil e Estados Unidos da América, e os problemas e tensões relacionados à preparação e atuação dessa tropa.

Palavras-chave: Força Expedicionária; Guerra; Operações; Armamento.

ABSTRACT

The objective of this essay is to investigate the organization, preparation and performance of the Brazilian Expeditionary Force (FEB), identifying the reasons for sending the Brazilian troops in the Second World War to the theater of operations of the Mediterranean (Italy) as part of the activities joint military-political relationship between Brazil and the United States of America, and the problems and tensions related to the preparation and performance of that troop.

Keywords: Expeditionary Force; War; Operations; Weaponry.

* Pós-Doutor em História Política, professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, coordenador do Grupo de Pesquisa História Militar e Fronteiras, coordenador do GT de História Militar da ANPUH-RJ, pesquisador do Centro de Estudos Estratégicos do Exército, e Jovem Cientista do Nosso Estado, da FAPERJ.

Sumário Executivo

Neste ensaio analisei como foi realizada a organização, a preparação e a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Procurei identificar os motivos para o envio da tropa brasileira, na Segunda Guerra Mundial, ao teatro de operações do Mediterrâneo (Itália), que fizeram parte das atividades conjuntas da relação político-militar entre Brasil e Estados Unidos da América, e os problemas e tensões relacionados à preparação e atuação dessa tropa. A investigação, pautada em análise bibliográfica e documental abre espaço para outras discussões, relacionadas a dificuldades na mudança doutrinária, no treinamento dos expedicionários no Brasil e na Europa, na aquisição de armamento dos Estados Unidos e da Alemanha, e no recrutamento para formar uma divisão de infantaria expedicionária, quando a proposta inicial era organizar um Corpo de Exército, composto por três divisões de infantaria expedicionária.

Ao final do ensaio deixei abertos dois pontos que não foram levantados nessa investigação, e que precisam no futuro serem pesquisados com mais profundidade: em primeiro lugar, por que o Brasil se recusou a participar da ocupação dos países conquistados do Eixo (Áustria) e; em segundo lugar, por que o Exército desmobilizou a sua Força Expedicionária antes de chegar ao Brasil, de forma tão rápida. Ambas as ações afetaram a posição política do Brasil após a Segunda Guerra Mundial e diminuíram a possibilidade de obter um assento permanente no futuro Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas.

Introdução

Como marco analítico, pontuamos nossas relações político-militares com os Estados Unidos da América, ocasião em que o Brasil aderiu à causa aliada na Segunda Guerra Mundial, após a reunião dos Chanceleres, no Rio de Janeiro, em janeiro de 1942, no contexto de desconfiança em relação aos britânicos, o que aumentou nossa dependência do material estadunidense. Em 1939, o Brasil estava efetivamente desarmado. O armamento existente era antiquado e escasso, não tínhamos base industrial que pudesse produzir armas em grande quantidade, de modo que dependíamos do que poderíamos obter dos EUA. Entre 1938 e final de 1941, o Brasil havia tentado mudar esse cenário ao realizar uma substantiva compra de material bélico da Alemanha, mas com o início da guerra e o bloqueio naval britânico, a maioria desse material não chegou ao solo brasileiro.

Nesse ensaio, é nosso objetivo investigar a organização, a preparação e a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), identificando os motivos para o envio ao teatro de operações do Mediterrâneo, como parte das atividades conjuntas da relação político-militar entre Brasil e Estados Unidos da América.

Força Expedicionária Brasileira foi o nome recebido pela tropa da Divisão de Infantaria constituída em 09 de agosto de

1943 e enviada à Itália em 1944 sob o comando do General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes para lutar contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). A designação FEB englobou as forças brasileiras de terra, mar e ar que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

Os planos iniciais brasileiro previam a mobilização e envio de um Corpo de Exército, ou seja, três divisões totalizando cerca de 60 mil homens. No entanto, essa empreitada seria um grande esforço para o Exército, pois a força terrestre na época somava cerca de noventa mil homens, estabelecida por todo território nacional, com armamento obsoleto, e mal treinados. Mesmo com um esforço extraordinário para o recrutamento do pessoal militar, o Corpo Expedicionário não se concretizou. Além das dificuldades médicas, físicas e psicológicas de seleção, ocorreu também, o desentendimento entre o alto escalão militar brasileiro e estadunidense sobre o fornecimento de armas para treinamento no Brasil. Nesse contexto, somente a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) foi organizada (Oliveira, 2015B, p. 310-311).

Força Expedicionária Brasileira: organização e preparação.

Em 09 de agosto de 1943, pela Portaria Ministerial nº 4.744, publicada em boletim reservado de 13 do mesmo mês, foi

estruturada a tropa expedicionária, baseada no modelo do exército norte-americano, constituída pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e por órgãos não divisionários. A 1ª DIE, comandada por um general de divisão e seu estado Maior, deveria compreender: uma infantaria divisionária, comandada por um general de brigada e composta de três regimentos de infantaria (1º RI, 6º RI e 11º RI); uma artilharia divisionária, comandada por um general de brigada e composta de quatro grupos de artilharia (três de calibre 105 e um de calibre 155); uma esquadrilha de aviação destinada à ligação e à observação; um batalhão de engenharia (9º BE); um batalhão de saúde; um esquadrão de reconhecimento motomecanizado. Os elementos da tropa especial, dentro da lógica de uma nova formação organizacional eram compostos por: uma companhia do Quartel General da 1ª DIE, uma companhia de manutenção, uma companhia de transmissões, uma companhia de intendência, um pelotão de sepultamento, um pelotão de polícia militar e uma banda de música¹.

Além dos elementos divisionários de combate a FEB teve, também, elementos não divisionários constituídos por tropa, com um batalhão de trabalhadores e uma companhia do Depósito de Intendência; e a parte de serviços que atuou na área de saúde, com uma

companhia de ambulância, hospital de campanha, hospital primário nº 1 (semimóvel), duas seções brasileiras que funcionaram no Hospital norte-americano, uma subseção brasileira que funcionou no hospital norte-americano de convalescentes, uma subseção brasileira que funcionou no hospital norte-americano de Base. Atuaram também no serviço de pagamento, no Depósito de Intendência, no serviço postal, no posto regulador postal de Ultramar, no Conselho Superior de Guerra e nas duas auditorias militares.

Ainda durante a fase de estruturação da FEB vários oficiais brasileiros foram enviados aos EUA para participar de cursos em bases militares norte-americanas. Em sua maioria, esses oficiais passaram três meses na Escola de Comando e Estado Maior do Fort Leavenworth, no estado de Kansas. Esse estágio permitiu que os oficiais brasileiros se familiarizassem com a doutrina militar norte-americana. Orientados no sentido de movimentos rápidos e audaciosos, altamente motorizados, o novo método tinha por objetivo reduzir as marchas a pé e a utilização de cavalos. Os norte-americanos propunham ainda a padronização das armas, cabendo aos brasileiros o uso dos calibres de 105 mm e 155 mm, de que o Brasil ainda não dispunha.

O treinamento para combate que o exército brasileiro adotava antes da Segunda Guerra Mundial com base no modelo doutrinário francês era voltado para as

¹ BRASIL, 1943-1945, p.9.

principais missões no período entre guerras: a repressão a conflitos internos e a defesa de fronteiras. Mesmo assim, era deficiente. Os exercícios de infantaria, quando realizados, eram feitos com munição racionada, por pelotões e companhias, raramente por batalhões. A artilharia também sofria com a escassez de munições para exercícios. A preparação priorizava a guerra defensiva, de posições, e não acompanhava a evolução das doutrinas de combate para a guerra de movimento.

Só nos últimos meses de 1943, ficou decidido que o Brasil enviaria um corpo expedicionário para lutar no Mediterrâneo. Em 30 de novembro, foi designada a Comissão Militar Brasileira, que, sob a chefia do general Mascarenhas de Moraes, tinha por objetivo observar de perto o teatro de operações no Mediterrâneo. Além de oficiais brasileiros, a comissão era também integrada por oficiais norte-americanos. Pouco antes de regressar da Itália e da África, o general Mascarenhas foi nomeado oficialmente comandante da 1ª DIE.

Com relação ao armamento, a maior parte do material recebida dos Estados Unidos ficaram na 1ª Região Militar no Rio de Janeiro, itens constituídos por: 363 metralhadoras .30, 314 metralhadoras .50, 41 morteiros 60 mm, 29 morteiros 81 mm, 194 tanques leves, 117 tanques médios, 25 Scout Car, 17 meias-lagartas, 05 carros blindados M8, um carro blindado T17 e 99 canhões de

37 mm². Até agosto de 1944, parte desse material ficou guardado no Depósito de Moto Mecanização no Rio de Janeiro, no 3º Batalhão de Carros de Combate (3º BCC), no núcleo de um novo batalhão de carros de combate que se organizava na mesma área do 3º BCC; em outro núcleo de um novo batalhão de carros de combate que se organizava na área da Escola de Motomecanização, e na Escola de Motomecanização. O equipamento destinado a treino da Divisão de Infantaria Expedicionária na Vila Militar consistia de quatro veículos de meia-lagarta, cinco carros blindados M8 e 57 canhões de 37 mm³.

A 15 de maio de 1944, no Rio de Janeiro, foi instalado o Estado Maior Especial, com a função de planejar e executar o embarque da 1ª DIE, dividida em cinco escalões. Era integrado por três oficiais do Estado Maior Divisionário, o coronel Floriano de Lima Brayner (chefe do Estado Maior da FEB) e os tenentes-coronéis Amauri Kruehl e Humberto Castelo Branco, e membros da Comissão Militar Conjunta Brasil-EUA, como foi o caso do tenente-coronel Walter Sewel Newman, que seguiu com a FEB para a

² Oliveira, 2015A.

³ Informações e documentos do *United State National Archives and Records Administration* (US NARA) foram reproduzidos por Dennison de Oliveira, da UFPR. Memorandum to Brig. Gen. Hayes Kroner, Subject: location of weapons and ammunition received by Brazil under Lend Lease, 23/08/1944 Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/0B4_vcLWzR_o_uUHFwBbEFZUzV6OGM.

Itália, como encarregado de estabelecer os trabalhos de ligação do comando do exército norte-americano com o general Mascarenhas de Moraes.

Força Expedicionária Brasileira: embarque e atuação no teatro de operações europeu.

O embarque do 1º Escalão para Nápoles na Itália ocorreu na noite de 30 de junho para 1º de julho de 1944, no navio norte-americano *General Mann*, sob o comando do general de brigada Euclides Zenóbio da Costa. O 1º Escalão era constituído de um regimento de infantaria (6º Regimento de Infantaria), um grupo de artilharia, uma companhia de engenharia e elementos ligados aos setores de manutenção, reconhecimento, saúde, comunicações, polícia, pagamento, serviço de justiça, Banco do Brasil e correio, num total de 5.075 homens. Junto com o 1º Escalão embarcaram o general Mascarenhas de Moraes e alguns oficiais de seu Estado Maior.

O 2º Escalão embarcou a 22 de setembro no navio *General Mann*, sob o comando do general Osvaldo Cordeiro de Farias, com 5.075 homens, constituídos principalmente, do 1º Regimento de Infantaria, da Artilharia Divisionária, pessoal do batalhão de engenharia e outros. O 3º Escalão embarcou nesse mesmo dia no navio *General Meigs*, sob o comando do

general Olímpio Falconiere da Cunha, com 5.239 homens, sendo que, o maior efetivo era o do 11º Regimento de Infantaria. O 4º Escalão constituído de elementos do 1º Escalão do Depósito de Pessoal do Exército da FEB e criado pelo Decreto nº 6.268, de 24 de fevereiro de 1944, deixou o Brasil a 23 de novembro no navio *General Meigs*, sob o comando do coronel Mário Travassos, com um efetivo de 4.691 homens. O 5º Escalão partiu a 08 de fevereiro de 1945 no navio *General Meigs*, sob o comando do tenente coronel Ibá Jobim Meireles, com um efetivo de 5.082 homens, conduzindo o 2º Escalão do Depósito de Pessoal⁴.

Os médicos e enfermeiras foram transportados por via aérea. A Força Aérea Brasileira (FAB) partiu para a Itália em princípios de outubro, com um contingente de mais de quatrocentos homens sob o comando do major Nero Moura. Ao contrário dos planos originais, portanto, a FEB foi constituída por uma única divisão, com um efetivo de 25.334 homens.

A partir de 05 de agosto de 1944, quando chegou à região de Tarquínia, na Itália, o 1º Escalão foi incorporado ao 4º Corpo comandando pelo general Willis D. Crittenberger, do V Exército norte-americano comandado pelo general Mark W. Clark, uma força multinacional reunindo americanos, ingleses, poloneses, canadenses, indianos,

⁴ BRASIL, 1943-1945, p. 53.

neozelandeses, e brasileiros⁵. O V Exército norte-americano, juntamente com o VIII Exército britânico, integrava o XV Grupo de Exércitos Aliados, sob o comando geral de *sir* Harold Alexander.

O V Exército, nesse momento, estava constituído por dois corpos de exército, o II e o IV, pois acabava de ser desfalcado de sete divisões, desviadas para os desembarques efetuados pelos Aliados no sul da França. O II Corpo operava ao norte de Florença na tentativa de desalojar os alemães de Bolonha. O IV Corpo, chefiado pelo general Crittenberger, tinha a missão de abrir brechas na chamada Linha Gótica, em poder dos alemães. Esta linha partia da região costeira do mar Tirreno, apoiava-se na região montanhosa dos Apeninos e terminava nas áreas de Pesaro e Rimini, já na faixa litorânea do Adriático. A faixa compreendida pela Linha Gótica abrangia montanhas escarpadas que proporcionavam excelentes vistas sobre as tropas aliadas. As forças regulares alemãs eram estimadas em 28 divisões (26 alemãs e duas italianas), integrantes do Grupo de Exército C, sob o comando do marechal Albert Kesselring.

A participação da FEB nos combates iniciou-se com o grupo de Zenóbio da Costa em 15 de setembro de 1944, substituindo uma força norte-americana que estava sendo desligada do IV Corpo. Os oficiais brasileiros

foram incluídos na Força Aérea Tática do Mediterrâneo e dentro dela, no XXII Comando Aerotático, que dava apoio às tropas do V Exército norte-americano. Para Ferraz (2012, p. 79), do ponto de vista estratégico da guerra, e que pese que a frente no Mediterrâneo tivesse um papel secundário, pois os Aliados priorizaram a invasão europeia pelo Norte do território francês, a campanha da Itália foi uma das mais difíceis e de lenta progressão das que os Aliados executaram em outros teatros de operações da Europa.

A missão das tropas brasileiras era essencialmente tática, assim como de todo V Exército norte-americano. As dimensões gigantescas da Segunda Guerra Mundial e a dinâmica da evolução das táticas e das estratégias de combate definiu como prioridade a interdependência das unidades e armas. Mesmo na região montanhosa dos Apeninos italianos, que dificultava o uso combinado das forças de terra, mar e ar, a interdependência estava presente. Uma unidade de ataque, ocupação ou defesa de posição, tinha que ter apoio de outras unidades, como também realizar o apoio⁶.

As primeiras vitórias da FEB na Itália ocorreram nos dias 16, 18 e 26 de setembro, com a ocupação de Massarosa, a tomada de Camaiore e a queda de Monte Prano. Após a conquista do maciço Prano, as tropas

⁵ FERRAZ, 2012, p. 79.

⁶ FERRAZ, 2012, p. 80.

brasileiras, já acrescidas do 2º e do 3º escalões, foram transferidas para o vale do rio Sercchio, para se aproximarem de Castelnuovo di Garfagnana, um dos fortes redutos da Linha Gótica e importante entroncamento rodoviário, de grande interesse estratégico por ser uma das portas de acesso à planície do rio Pó. A primeira fase do ataque foi bem-sucedida, com a tomada de Sommocolonia, Lama di Sotto e Monte San Quirico, chegando às tropas brasileiras a apenas 04 km de Castelnuovo di Garfagnana. Entretanto, de acordo com o general Mascarenhas de Moraes, a tropa brasileira, subestimando o poder de reação do inimigo, descuidou do remuniciamento e das medidas de segurança, não tendo condições para resistir ao contra-ataque desferido pelas tropas alemãs durante a noite de 31 de outubro. Este foi o primeiro revés das tropas brasileiras, que tiveram de recuar para posições anteriores. Esta derrota encerrou a campanha de combate do general Zenóbio da Costa, pois, com a incorporação dos 2º e 3º destacamentos da FEB, Mascarenhas assumiu o comando da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, no início de novembro de 1944. Zenóbio da Costa tornou-se comandante da Infantaria Divisionária, e Cordeiro de Farias comandante da Artilharia Divisionária.

Na reunião do Alto Comando Aliado realizada a 30 de outubro em Passo della Futa, foi decidido que a 1ª Divisão brasileira deveria operar no vale do rio Reno, 120 km a

nordeste do vale do Sercchio. Nessa reunião o general Clark expôs as diretivas que recebera do marechal *sir* Alexander, comandante do XV Grupo de Exércitos Aliados, no sentido de prosseguir atacando, a fim de apossar-se de Bolonha, mantendo o inimigo sob pressão e obrigando-o a retirar efetivos das frentes francesa e russa para a frente italiana.

A 1ª DIE deveria ser retirada da área em que vinha atuando, e deslocada para o vale do Reno. A 1ª DIE substituiria um destacamento da 1ª Divisão Blindada norte-americana, conhecido sob a designação de CCB (*Combat Command B*), na defesa da Linha Bombiana Brainetta Volpara-Torre di Nerone-Fornaci-Querceto. No vale do Reno, a divisão brasileira ficaria enquadrada, a leste (direita), pela 6ª Divisão Blindada sul-africana, e a oeste, pela Task Force 45, grupamento tático norte-americano, constituindo o IV Corpo de Exército sob o comando do major-general Willis D. Crittenberger. Após a reunião de Passo della Futa e diante das novas diretivas emanadas do XV Grupo de Exércitos Aliados, o general Zenóbio da Costa e o general Cordeiro de Farias iniciaram o adestramento das tropas recém-chegadas à Itália.

Ao assumir o comando da 1ª DIE no setor do Reno, o general Mascarenhas de Moraes instalou seu quartel-general avançado na localidade de Porretta Terme, e o quartel-general recuado primeiramente em San Rossore e, mais tarde, na cidade de Pistóia. O

quartel-general avançado era dirigido pelo coronel Lima Brayner, compreendendo o comando da 1ª DIE, a chefia e as seções do Estado Maior e os serviços de transmissões e de engenharia. Em Porretta Terme ficaram as seções de operações, sob a chefia do tenente coronel Humberto Castelo Branco, e de informações, sob a chefia do tenente-coronel Amauri Krueel. As seções de pessoal e suprimento foram transferidas para Pavana devido aos constantes ataques da artilharia inimiga.

Em 20 de outubro de 1944, o general Mascarenhas de Moraes designara o general Olímpio Falconière da Cunha inspetor-geral do 1º Escalão. Suas funções consistiam em resolver os problemas da retaguarda, principalmente os que se ligavam diretamente ao suprimento qualitativo do pessoal brasileiro, e as questões de relacionamento entre as autoridades brasileiras no Brasil e norte-americanas na Itália, tais como hospitalização, correios, fundos, transporte de pessoal por via aérea etc. Mais tarde, em 25 de março de 1945, as funções do general Falconière seriam incluídas dentro de um novo departamento denominado Órgãos Não Divisionários.

A 02 de maio de 1945, ao cessarem as hostilidades na Itália com a rendição incondicional do último corpo de Exército da Alemanha, a divisão brasileira ocupava a cidade de Alessandria, desde 30 de abril, e estabelecia ligação com o Exército francês em

Susa, próximo à fronteira franco-italiana. A guerra chegava ao fim para as tropas brasileiras. O custo foi a morte de 443 expedicionários e de 08 oficiais do Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira. A Força Expedicionária permaneceu até 03 de junho como tropa de ocupação e depois retornou ao Brasil.

O fim da Segunda Guerra Mundial deu-se a 08 de maio de 1945, com a vitória final dos Aliados em toda a Europa após a queda de Berlim.

Sobre a recusa do Brasil em participar como força de ocupação dos países conquistados do Eixo (Áustria), trata-se de um ponto que ficou aberto no ensaio, e que num futuro próximo, deverá ser pesquisado com mais profundidade.

Convém ressaltar que, o ofício nº 90, de 27 de fevereiro de 1945, o general Mascarenhas de Moraes, comandante do 1º Escalão da FEB e da 1ª DIE expõe ao Ministro da Guerra, suas ponderações sobre a possibilidade do Brasil vir a ser convidado para atuar como tropa de ocupação. Mascarenhas registra a contraindicação da FEB ser empregada como tropa de ocupação em qualquer país europeu. Destaca inicialmente, a má vontade dos povos das nações aliadas do “Eixo” com os exércitos das Nações Unidas, que combatiam em seu solo. Terminada a guerra, essa indisposição agravar-se-ia com a miséria, a fome, e os delicados problemas políticos, que surgiriam.

Para conter os excessos e revoltas no pós-guerra, as tropas de ocupação teriam que agir com energia ou violência, muitas vezes, não satisfazendo os anseios da população. Esse procedimento, em pouco tempo, colocaria a tropa de ocupação, perante a nação ocupada, em situação de força contrária a liberdade civil. Por mais serena que fosse a atitude da tropa brasileira, jamais conseguiria evitar a irritação natural, num país ocupado, contra os soldados estrangeiros, que fariam, quotidianamente, lembrar a população civil a sua infeliz condição de povo vencido.

No entanto, fica aberta ainda, uma segunda pergunta, por que o Exército desmobilizou a sua Força Expedicionária antes de chegar ao Brasil, de forma tão rápida? Ambas as ações afetaram a posição política do Brasil após a Segunda Guerra Mundial e diminuíram a possibilidade de obter um assento permanente no futuro Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas.

Reflexões para o Brasil

Um ponto importante identificado em estudos atuais realizado por importantes investigadores⁷ da FEB diz respeito à questão da eficiência militar alemã. Era quase paradoxal perceber que, ao final da guerra, o Exército criador do conceito da *Blitzkrieg* dependia, em larga escala, de carroças

tracionadas a cavalo, para transporte de armamento e para a logística de guerra. Como identifica o historiador Dennison Oliveira, a artilharia do Exército alemão era quase toda hipomóvel, bem como praticamente todas as divisões de infantaria. Ao final da Segunda Guerra Mundial, em sua maior parte, o Exército alemão era quase igual a todas as unidades do Exército brasileiro, antes da guerra, ou seja, hipomóvel. A modernidade doutrinária da *Blitzkrieg*, entre os alemães teve que coexistir com os vários métodos e recursos usados na Primeira Guerra Mundial, sendo necessário empregar centenas de milhares de cavalos para o transporte de material e armamento de suas divisões de infantaria.

Outro ponto importante nessa reflexão, diz respeito à visita feita pela Comissão Militar Brasileira, designada pelo Aviso Reservado nº 543/460, de 30 de novembro de 1943, chefiada pelo general de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, ao Teatro de Operações do Mediterrâneo, que foi de grande utilidade para a organização da FEB, pois as observações colhidas no Norte da África e na frente de batalha do V Exército dos EUA, condensadas em relatório, serviram para orientar determinados pontos que ainda eram obscuros. Demonstrações realizadas com o máximo de objetividade permitiram que se executasse uma mudança radical no processo de instrução, de maneira a dar ao expedicionário brasileiro uma impressão de

⁷ OLIVEIRA, 2015A, 156.

realidade e intensificação no preparo físico para poder suportar as duras circunstâncias do combate⁸.

A apreciação sobre os uniformes influenciou decisivamente no plano adotado para a FEB, decidindo por certas modificações e adoção de peças indispensáveis ao uso em campanha. Conclusões precisas foram tiradas das condições climáticas e sanitárias das regiões prováveis de emprego da tropa brasileira, bem como medidas importantes assentadas sobre o equipamento, a estocagem e o fornecimento de material especializado.

O problema monetário, o câmbio e a troca do dinheiro foi motivo de estudo especial, sendo anexada uma agência do Banco do Brasil para a solução das operações bancárias.

Com relação à logística de suprimentos foi cuidadosamente observada a alimentação norte-americana e planejada a distribuição à tropa brasileira, através de uma aplicação metódica feita ainda no Brasil.

O momento de preparação para guerra revelou outros problemas, dentre eles podemos destacar o relacionado ao treinamento dos expedicionários no Brasil. A mudança na estrutura das unidades militares de combate que deveriam embarcar para a guerra não encontrou no Brasil instalações adequadas. Um regimento, que comportava

cerca de mil homens, passou a ter cinco mil. Não havia possibilidade física de acomodar toda essa gente nas antigas unidades. As dificuldades logísticas de fornecer abrigo, alimentação, fardamento e outras necessidades para os novos ingressantes tornava a vida nas cidades sedes das mobilizações e de treinamento uma experiência caótica (Oliveira, 2015B, p. 53).

A situação das unidades de treinamento distribuídas em quatro Regiões Militares diferentes (Duque de Caxias, Caçapava, São João Del Rey e Aquidauana) criou no início sérias dificuldades, pela impossibilidade de se realizar uma fiscalização eficaz sobre o andamento da instrução, assim como o controle direto das transformações doutrinárias pela qual deveriam passar as unidades, de acordo com o novo tipo de organização imposta pelo Aviso Reservado nº 481-408, de 18 de outubro de 1943⁹.

Além disso, foi necessário sentir o impacto das dificuldades relacionadas a mobilização e treinamento da tropa destinada a combater numa Grande Guerra, para que o Exército brasileiro identificasse a inadequação dos locais utilizados para adestramento de seus efetivos, obrigando-o a tentar corrigir esse erro, com a instalação de áreas mais adequadas para treinar a Força Expedicionária¹⁰. Na Itália um dos maiores obstáculos dos expedicionários brasileiros foi

⁸ BRASIL, 1943-1945, p. 7.

⁹ BRASIL, 1943-1945, p. 11.

¹⁰ OLIVEIRA, 2015B, 233.

o terreno montanhoso, cujo combate requer especialização específica e equipamentos adequados. No Brasil, esse tipo de treinamento não foi disponibilizado na preparação da tropa, apesar de que, em 1943, Resende foi indicada como um possível local de treinamento para a 1ª DIE, descartada pelo Ministério da Guerra, porque continha muita área montanhosa¹¹.

A mudança doutrinária obrigou o Exército brasileiro a alterar a composição nas unidades para o modelo ternário norte-americano, no qual cada pelotão de fuzileiros passava a ter três esquadras comandadas por um sargento, mais um adjunto, cada companhia passava a ter três pelotões de fuzileiros e cada batalhão passava a ter três companhias de fuzileiros. Em consequência, o número de sargentos multiplicou várias vezes, ocasionando a abertura de enormes claros no efetivo expedicionário, de difícil preenchimento, visto que a maioria era de elementos especializados. Houve a necessidade de cursos emergenciais (para formação de sargentos e cabos) de maneira que cada pelotão, cada companhia, pudesse ter o seu efetivo completo¹².

O Regimento de Infantaria sofreu modificações radicais, na sua constituição das unidades elementares, na própria estrutura dos órgãos do comando, e no seu armamento, com

a introdução de novas armas desconhecidas até aquele momento. Foi incluído o morteiro 60 mm, o lança rojão (bazooka), a metralhadora .30, o canhão anticarro 57 mm, e aparelhos de rádio e telefonia. Essas inovações exigiam não só um perfeito conhecimento técnico para um emprego eficiente, como um conhecimento profundo das alterações impostas nos processos de combate, com a inclusão desse material nas formações da infantaria.

Com a falta treinamento adequado no Brasil, seja pela falta de material, de local apropriado, ou pela inusitada e imediata readequação doutrinária, as tropas brasileiras seguiram para o Teatro de Operações na Itália, e somente os expedicionários do 1º Escalão, composto principalmente, pelo 6º Regimento de Infantaria, além de algumas poucas unidades de artilharia, engenharia, cavalaria e outras unidades auxiliares, puderam treinar, na Itália, em campos de instrução americanos, com armas, equipamentos, em situação e terreno de combate. Os dois escalões que seguiram na sequência (com o 1º Regimento de Infantaria e com o 11º Regimento de Infantaria) não tiveram a mesma chance, e acabaram tendo que aprender a combater durante a ação real, no Teatro de Operações¹³. No entanto, o comandante do 4º Corpo e o do V Exército definiu que as tropas com pouca experiência

¹¹ OLIVEIRA, 2015 B, p. 240.

¹² BRASIL, 1943-1945, p. 11.

¹³ FERRAZ, 2012, p. 81.

de combate, como a brasileira, deveriam ser introduzidas lentamente em setores mais calmos da frente italiana, para ganhar experiência de combate por meio de ações de patrulhas e pequenas ofensivas¹⁴.

O crescimento das missões ocorreu com o tempo e a incorporação de novos escalões. Dessa forma, em setembro de 1944, a tropa expedicionária brasileira conquistou as suas primeiras posições e teve suas primeiras baixas.

Ponto importante discutido pelo historiador Ferraz¹⁵ é que diferente de outras frentes no teatro de operações europeu, os conflitos na Itália foi caracterizado por combates de unidades menores que um regimento (pelotões, companhias e batalhões).

O terreno montanhoso reduziu efetivamente a eficácia de atuação de tanques, diminuindo a velocidade de progressão e causou problemas de abastecimento e no deslocamento da tropa. Por conta do mau tempo em algumas épocas, o apoio aéreo era prejudicado. Os regimentos eram acionados ocasionalmente e as divisões completas menos ainda.

¹⁴ MORAIS, 1947, p. 71.

¹⁵ FERRAZ, 2012, P. 81.

Referências

BRASIL. Ministério da Guerra. *Força Expedicionária Brasileira. Relatório Secreto*. Volume 1. Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Exército. Seção Força Expedicionária Brasileira, 1943-1945.

BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*; memórias de um chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália (1943-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Londrina: EdUEL, 2012.

MORAIS, Berta et al. *Depoimento de oficiais da reserva sobre a FEB*. São Paulo: Instituto Progresso Ed., 1949.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. São Paulo: Instituto Progresso Ed., 1947.

_____. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: J. Olímpio, 1969.

OLIVEIRA, Dennison. *Extermine o inimigo: os blindados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá, 2015A.

_____. *Aliança Brasil-Estados Unidos: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá, 2015B.